

**Graciliano e Nietzsche: Breves apontamentos sobre a Baleia, em *Vidas Secas*, o *Anticristo* e a impossibilidade de ressurreição.**

Flavio Quintale\*

RESUMO

Este artigo propõe um diálogo entre a simbologia da personagem Baleia do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e outras obras da literatura universal, como o *Livro de Jonas*, *Moby-Dick* de Herman Melville e *As aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi. Enfoca-se o tema da ressurreição e de suas representações literárias, estabelecendo-se relações com o *Anticristo* de Nietzsche.

PALAVRAS-CHAVES: *Vidas Secas*; Baleia; Ressurreição; *Anticristo* de Nietzsche; *Moby-Dick*

ABSTRACT

This article proposes a dialogue between the symbolism of *Baleia*, the dog, in Graciliano Ramos' *Barren Lives* and other works of the universal literature, such as *The Book of Jonas*, Herman Melville's *Moby-Dick* and Carlo Collodi's *The Adventures of Pinocchio*. It emphasizes on the theme of resurrection and its literary representation, relating it to Nietzsche's *The Antichrist*, as well.

KEY-WORDS: *Barren Lives*; Baleia; Resurrection; Nietzsche's *The Antichrist*; *Moby-Dick*

---

\* Doutor em Letras pela Universidade de Konstanz (Alemanha) e pela Universidade de São Paulo (USP). É professor de Literatura Comparada na Universidade de Aachen (Alemanha), onde prepara sua livre-docência. [fquintale@yahoo.fr](mailto:fquintale@yahoo.fr)

*Is there no mercy?  
Must our punishment be endless?*

Percy B. Shelley, *Queen Mab*.

Composta por quatro romances, dois livros de memórias e outros volumes de contos e crônicas, a obra de Graciliano Ramos, que seu biógrafo Dênis de Moraes classifica como “realismo crítico e humanista” (2012, p. 85) por ter “a permanente atitude de resistência face ao destino e à ordem estabelecida” (2012, p. 102), é relativamente sintética. Do romance *Caetés* (1933), passando por *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), culminando com o seu romance mais lido e estudado, *Vidas Secas* (1938), deflagra-se uma visível apuração artística. Somam-se a essas obras, ainda, os livros de memórias, *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953), esse último, inacabado, publicado após a morte do autor. Para Álvaro Lins, “em conjunto, a sua obra constitui uma sátira violenta e um panfleto furioso contra a humanidade” (LINS apud RAMOS, 1991, p. 132), e os atos dos personagens “se originam e se justificam, por si mesmos, fora de qualquer preocupação moral e transcendente” (LINS apud RAMOS, 1991, p. 133). Haveria, assim, em Graciliano Ramos, certo substrato nietzschiano. Antonio Candido defende que “no âmago da sua arte há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem, e que tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio, são projeções desse impulso fundamental, que constitui a unidade profunda dos seus livros” (1978, p. 98).

## 1 *Vidas Secas*

Último romance do autor, *Vidas Secas* é também considerado a sua obra principal. Em treze capítulos, pensados inicialmente como contos ou histórias independentes, narra-se, em terceira pessoa, diferentemente de todos os seus romances anteriores narrados em primeira, a história de uma família de retirantes no sertão nordestino que “eram quase felizes” (RAMOS, 1991, p. 45).

Lembra Dênis de Moraes de que se trata de “um romance desmontável cujas peças podem ser destacadas e seriadas de mais de uma maneira” (2012, p. 159). Uma delas consiste em seguir as divisões pelos personagens. Fabiano e Sinhá Vitória, pais dos filhos mais velho e mais novo, junto com a cadela Baleia, compõem essa família miserável, que além de ter de sofrer por conta da seca é ainda explorada pelos patrões e

negociantes e maltratada pela polícia: “o governo não devia consentir tão grande safadeza” (RAMOS, 1991, p. 34). Está clara aí a crítica social de espírito revolucionário que inspira a obra e a torna permanentemente atual, num país ainda muito desigual como o Brasil; a propósito, esse romance, assinala Antônio Cândido, “é o único inteiramente voltado para o drama social e geográfico da sua região, que nele encontra a expressão mais alta” (1978, p. 114). Todos abusam. Os patrões e os negociantes são exploradores capitalistas – “os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta [...] os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro” (RAMOS, 1991, p. 76) –, e o Estado e a justiça, representada pela força policial, são injustos – “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (RAMOS, 1991, p. 33).

Fabiano é pessimista e toda vez que tenta se opor às injustiças é logo vencido e humilhado, seja pelo policial ou pelo patrão, que lhe cobra juros, para lhe pagar um salário menor. “Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia” (RAMOS, 1991, p. 27). Ele tenta ser homem, mas “pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros [...] encolhia-se na presença dos outros e julgava-se cabra” (RAMOS, 1991, p. 18). Fabiano “vivia longe dos homens, só se dava bem com animais [...] e falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural” (RAMOS, 1991, p. 19). Sinhá Vitória é otimista: a sua esperança não a deixa parar de sonhar com uma vida melhor e uma cama decente para dormir. Mas também ela é vencida pela vida e sua única vitória é não ter perdido a esperança. Os meninos não têm nome, porque são desumanizados, como os pais, num sertão implacável. A humanidade toda reside em Baleia, um animal: “ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente” (RAMOS, 1991, p. 39).

Comenta Franklin de Oliveira que “Baleia instaura um símbolo: a humanidade ainda não é privilégio dos homens” (MORAES, 2012, p. 161). É ela a figura mais simpática da história e seu sacrifício – já que, doente, Fabiano se vê obrigado a matá-la para acabar com o seu sofrimento – é um dos momentos mais altos e comoventes da narrativa. A coragem e a misericórdia que sobram em Fabiano para dar cabo ao padecimento da cadela não podem ser aplicadas para dar fim nem ao seu nem ao de seus filhos. A morte de Baleia por Fabiano é a forma de simbolizar que a única maneira de acabar com o sofrimento, dele mesmo e da família, nesse mundo de misérias e de vidas secas, é a morte. Segundo Moraes, Graciliano Ramos revela que procurou nesse romance expor “a hostilidade do meio físico e da injustiça humana” (2012, p. 159). Já

que não é viável um suicídio coletivo, o sacrifício de Baleia – cujo nome é uma ironia para quem é magra e não tem o que comer, a não ser restos de preá – funciona como uma ressurreição, que é simbólica e nunca concreta, pois nesse mundo deplorável onde vivem os retirantes – “trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria” (RAMOS, 1991, p. 93) – não há ressurreição, e o único crucificado redentor é um animal, um cão, fêmea, a Baleia, de onde não pode sair nenhum Jonas, nenhum Fabiano ressuscitado ao terceiro dia.

## 2 A baleia e a ressurreição

Jonas, profeta do Antigo Testamento, é normalmente conhecido pela passagem bíblica em que, engolido por um grande peixe (*dag gadol*, em hebraico), sai, três dias depois, são e salvo das entranhas de seu anfitrião aquático. A tradição popular associa o tal peixe a uma baleia, espécie, à época, desconhecida no Mediterrâneo. De toda maneira, pelo relato bíblico, Jonas recebe a ordem divina de dirigir-se à cidade de Nínive na Assíria – atual Mossul, localizada hoje em território iraquiano – e pregar a seus habitantes. Ele desobedece e foge para Társsis, junto ao mar – não se sabe ao certo onde se localiza a cidade, mas se entende que seja bastante distante de Nínive, possivelmente na Espanha (Cádiz, para alguns) –, compra uma passagem e embarca num navio para fugir da “face do Senhor” (BÍBLIA, Jonas, 1:3).

Em certo ponto da viagem levanta-se uma grande tempestade no mar e todos os marinheiros e passageiros temeram pelo naufrágio – eis que “cada um clamou ao seu deus e alijaram ao mar toda a carga que traziam no navio para o aliviarem” (BÍBLIA, Jonas, 1:5). Jonas dormia no porão. É repreendido pelos tripulantes, que lançam sorte e ela cai sobre ele. Jonas relata sua origem e sua fuga e se oferece como sacrifício em reparação à ira divina associada ao castigo do mau tempo. Eles hesitam, mas acabam decidindo por lançá-lo da embarcação, “e no mesmo ponto cessou a fúria do mar” (BÍBLIA, Jonas, 1:15). Um grande peixe, porém, engole Jonas, “o qual esteve no ventre do peixe três dias e três noites” (BÍBLIA, Jonas, 2:1). Durante esse período, ele faz orações até ser liberto: “então o Senhor mandou ao peixe, que vomitou Jonas na praia” (BÍBLIA, Jonas, 2:11).

Esse relato com imagens gástricas de Jonas *engolido* e *vomitado* termina com uma digestão bem-sucedida, pois, como comenta James Ackerman, “o peixe que acreditávamos estar levando Jonas à ruína na verdade o resgatou” (1997, p. 255-256).

Em *Vidas Secas*, os acontecimentos são bem menos extraordinários, mas muito mais dramáticos. Não há o quê ingerir, muito menos o quê expelir. Baseada no Novo Testamento, a tradição cristã associa essa passagem do Antigo Testamento com a ressurreição de Cristo: “assim como Jonas esteve no ventre da baleia três dias e três noites, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra” (BÍBLIA, Mateus, 12: 40), ou, “assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem será um sinal para esta geração” (BÍBLIA, Lucas, 11: 30). Segundo Joan Comay, porém, a mensagem da história de Jonas “é que a compaixão de Deus se estende a todas as suas criaturas, judeu ou gentio, humano ou animal” (COMAY, 1998, p.193). No caso de *Vidas Secas*, a mensagem é diferente. Se há um Deus, nele não existe compaixão pelas criaturas, nem humana, nem animal.

Herman Melville, em seu romance *Moby-Dick* (1851), resgata o tema. Seu Jonas ou Cristo é o Capitão Ahab. Antes de partirem para a caça às baleias, o narrador-personagem, Ishmael, “Deus ouve”, junto com outros marinheiros, vão ao culto ouvir o sermão do pastor que evoca a história de Jonas: “e Deus preparou um grande peixe para engolir Jonas”<sup>1</sup> (MELVILLE, 1992 p. 47). Em sua interpretação, ele argumenta que, “se obedecermos a Deus, desobedecemos a nós mesmos; e é em desobedecermos a nós mesmos que consiste a dificuldade em obedecer a Deus”<sup>2</sup> (MELVILLE, 1992 p. 47). A passagem é importante porque é justamente o que fará Ahab ao perseguir obsessiva e irracionalmente a baleia Moby-Dick, que o “desarvora”<sup>3</sup> (MELVILLE, 1992 p. 177): obedecer a si mesmo. E nisso assenta-se a sua ruína, ao contrário de Jonas, que se arrepende da desobediência à ordem divina, procurando uma terra distante onde seu Deus supostamente não governe, e é, no final, resgatado pelo grande peixe. Jonas, para o pregador, é “modelo de arrependimento”<sup>4</sup> (MELVILLE, 1992 p. 52).

O capitão quer vingar-se de Moby-Dick que lhe devorou uma perna. Irá atrás dela “por todos os cantos da terra”<sup>5</sup> (MELVILLE, 1992 p. 177). Se a baleia foi a salvação de Jonas, ela será a perdição de Ahab. Depois de passar muito tempo navegando e perdê-la por mais de uma vez, inicia-se a caça final que durará três dias, o mesmo tempo que Jonas esteve preso no grande peixe.

<sup>1</sup> And God had prepared a great fish to swallow up Jonah.

<sup>2</sup> If we obey God, we must disobey ourselves; and it is in this disobeying ourselves, wherein the hardness of obeying God consists.

<sup>3</sup> Dismasted.

<sup>4</sup> A model of repentance.

<sup>5</sup> Over all sides of earth.

A luta contra um ser puramente instintivo, a baleia, branca, imaculada, deflagra em Ahab um comportamento semelhante ao dela: “Ahab nunca pensa; ele sente, sente, sente”<sup>6</sup> (MELVILLE, 1992, p. 613). Seu irracionalismo é degradante. Starbuck procura de todo modo preveni-lo: “Moby Dick não está atrás de você. É você. Você que a procura loucamente”<sup>7</sup> (MELVILLE, 1992 p. 619). Tanto em *Moby-Dick* como em *Vidas Secas* a animalização do homem é a sua desonra, mas, em *Vidas Secas*, Baleia, na medida de suas possibilidades, ainda procura, de alguma forma, dignificar o homem. Ahab desaparece junto com a baleia e com o navio, “como Satã, que não se afundaria no inferno sem que tivesse arrastado uma parte do céu consigo”<sup>8</sup> (MELVILLE, 1992 p. 624). É apenas na morte da baleia Moby-Dick que sua existência pode realizar-se, aniquilando-se, como no romance de Graciliano Ramos, com a diferença, entretanto, que em *Moby-Dick* o homem é vítima de si mesmo, ao passo que, em *Vidas Secas*, é vítima do meio hostil.

Carlo Collodi, com suas *Aventuras de Pinóquio* (1881), também trata do tema. Pinóquio é engolido por um Peixe-cão (*Pesce-cane*) chamado Átila, uma clara referência ao rei dos Unni (século V d.C.), famoso pela sua crueldade, a quem Dante, inclusive, na *Divina Comédia* (século XIV), colocou no canto XII do *Inferno*: “aquele Átila que foi flagelo na terra”<sup>9</sup> (1999, Inferno, XII, 134). O boneco-menino, no interior do grande peixe, depois de dialogar com um atum filósofo – conformado e orgulhoso de seu fim: “quando se nasce atum, há mais dignidade em morrer debaixo d’água do que no óleo”<sup>10</sup> (COLLODI, 1995, p.168) – encontra Geppetto. Esse reencontro marca o arrependimento de Pinóquio e sua reconciliação com seu pai e criador: “e você já me perdoou, não é? Ah! Meu papaizinho, como você é bom!”<sup>11</sup> (COLLODI, 1995, p.170). Em Geppetto está representada, de modo positivo, a figura paterna. Pinóquio pode sair do grande peixe, isto é, ressuscitar, deixar a velha vida de boneco e conquistar a nova vida, ao se tornar, definitivamente, menino: “porque quando os meninos maus tornam-se bons, eles têm a capacidade de adquirirem um aspecto novo e sorridente”<sup>12</sup> (COLLODI, 1995, p.185). Como Jonas, é no interior do grande peixe que ele se

<sup>6</sup>Ahab never thinks; He only feels, feels, feels.

<sup>7</sup>Moby Dick seeks thee not. It is thou, thou, that madly seekest him!

<sup>8</sup>Like Satan, would not sink to hell till she had dragged a living part of heaven along with her

<sup>9</sup>Quell’Attila che fu flagello in terra.

<sup>10</sup>Quando si nasce Tonni, c’è più dignità a morir sott’acqua che sott’olio!

<sup>11</sup>E voi mi avete digià perdonato, non è vero? Oh! Babbino mio, come siete buono!

<sup>12</sup>Perché quando i ragazzi cattivi diventano buoni, hanno la virtù di far prendere un aspetto nuovo e sorridente.

reconcilia com o criador. Em *Vidas Secas* não há ressurreição possível. O criador não soluciona problemas, mas, pelo contrário, se não está ausente, perpetua a crueldade.

### 3 O anticristo nietzschiano e a ausência de ressurreição

Um dos aspectos fundamentais da obra *O Anticristo* (1895) de Nietzsche, na qual se apresentam vários aspectos de sua “transvaloração dos valores morais”, *Umwertung aller Werthe*, é a crítica ao cristianismo, “mundo puramente fictício”<sup>13</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 181), e sua fundamentação doutrinária sobre a positividade do sofrimento. O Anticristo nietzschiano, para quem Cristo não é nem gênio (*Genie*) nem herói (*Held*), mas “Idiota” (NIETZSCHE, 1999, p. 200), é aquele que anuncia que o sofrimento, condição humana pretensamente justificada pela religião, é um mal a ser combatido; e não desejado como ensinaram os cristãos: “não mais luta contra o pecado, mas luta contra o sofrimento”<sup>14</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 186). O elogio ao sofrimento, para ele, deveria ter sido calado há muito tempo: “o Evangelho morreu na cruz”<sup>15</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 211). Na lógica do romance de Graciliano Ramos, Fabiano não pode nem deve lutar contra o pecado, pois tem algo muito mais urgente para combater: o sofrimento. Como argumenta Alfredo Bosi, Graciliano Ramos retrata os personagens em “seu modo próprio de estar naquelas condições adversas, o seu jeito de sobreviver” (BOSI, 220, p. 223). Nesses termos, para Moraes, o próprio ficcionista atesta: “as nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos” (MORAES, 2012, p. 230).

O cristianismo, defende Nietzsche em *O Anticristo*, tenta explicar-se de maneira absurda, defendendo um Deus que oferece seu filho como expiação dos pecados do mundo. E, por isso, “eu sentencio o cristianismo”<sup>16</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 252). Essa agressividade de Nietzsche e de seu Anticristo – que se confundem, como argumenta Henrich Detering, “entre a perspectiva interna e externa do protagonista”<sup>17</sup> (2010, p. 66) –, lembra Karl Jaspers, “é inseparável de sua ligação efetiva com o cristianismo”<sup>18</sup> (1985, p. 10).

<sup>13</sup> Reine Fiktions-Welt.

<sup>14</sup> Nicht mehr “Kampf gegen Sünde”, sonder, “Kampf gegen das Leiden”.

<sup>15</sup> Das “Evangelium” starb am Kreuz.

<sup>16</sup> Ich verurteile das Christentum.

<sup>17</sup> Zwischen der Außenperspektive und Innenansichten seines Protagonisten.

<sup>18</sup> Ist untrennbar von seiner tatsächlichen Bindung an das Christentum.

Dênis de Moraes relata que Graciliano Ramos, “ateu convicto, costumava ler a Bíblia antes de dormir e, não raro, incluía Deus, Deus do Céu, Nosso Senhor ou Nosso Senhor Jesus Cristo em suas observações” (2012, p. 16). Essas referências cristãs faziam parte do ambiente em que o autor crescera no agreste alagoano. Como Nietzsche, se ele não crê na redenção cristã, é por convicção, e não por falta de conhecimento. Moraes afirma que:

Graciliano proclamava a condição de ateu, questionando os dogmas e tabus que envolvem a conversão religiosa. [...] à medida que foram se aprofundando em Graciliano a rejeição à ordem constituída, os pilares da religião desabaram, pelo que representa de monolitismo de consciência (2012, p. 44).

Em carta, Graciliano Ramos, que tinha “a Bíblia como um de seus livros de cabeceira” (MORAES, 2012, p. 45), confessa: “Quem me dera poder afastar tanta gente da igreja! Quem me dera poder libertar os dois pobres-diabos que ali estão! Idiotas, verdadeiros pobres-idiotas. Há gente que vive do prazer de ser enganada” (MORAES, 2012, p. 45).

No *Anticristo*, lê-se “um povo que ainda crê em si mesmo, faz de si próprio um Deus”<sup>19</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 182). Fabiano liquida Baleia porque nem ele mesmo crê na sobrevivência de seu povo, entendendo aqui a identificação do cão com a família e todo o povo, não somente como a humanização do animal, mas, sobretudo, como a animalização do ser humano em consequência do meio e da exploração do homem pelo homem. Dênis de Moraes entende que há na obra de Graciliano Ramos um “humanismo que extrai da tragédia o sumo dialético para a utopia da redenção” (2012, p. 302). A impossibilidade da crença na continuação da vida de Baleia é o fim da esperança para a sua própria vida, como a ausência de ressurreição desestrutura e extingue a doutrina cristã, a exemplo de Paulo, a quem Nietzsche ora chama de “Desevangelista” (*Dysangelist*) ora de “Apóstolo da vingança” (*Apostel der Rache*), mesmo admite: “se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé” (BÍBLIA, Cor, I: 15,17). Não há nada, nem ninguém, a recorrer, muito menos a agradecer. “Somos gratos a nós mesmos: por isso precisamos de um Deus”<sup>20</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 182).

O fim de Baleia é o crepúsculo dos ídolos para Fabiano e os seus: “eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia”

---

<sup>19</sup> Ein Volk, das noch an sich selbst glaubt, hat auch noch seinen eignen Gott.

<sup>20</sup> Man ist für sich selber dankbar: dazu braucht man einen Gott.

(RAMOS, 1991, p. 126). Não sobrou mais nada: “O Nada divinizado em Deus, a Vontade de Nada canonizada!”<sup>21</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 185). Num mundo sem nada, em que nenhum Deus está presente, ou, num mundo de “um Deus tão absurdo, que se deveria livrar-se dele, mesmo que ele existisse”<sup>22</sup> (NIETZSCHE, 1999, p. 234), não há ressurreição.

## REFERÊNCIAS

ACKERMAN, James S. Jonas. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.

ALEGHIERI, Dante. *Divina Commedia*. Roma: Newton & Compton, 1999.

BIBLIA. São Paulo: Paulinas, 1989.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo, Companhia das Letras: 2002.

CANDIDO, Antonio. Os bichos do subterrâneo. In: *Tese e Antítese*. São Paulo: C.E.N., 1978.

COLODI, Carlo. *Le Avventure di Pinocchio*. Perugia: Guerra Edizioni, 1995.

COMAY, Joan. *Quem é quem no antigo testamento*. Rio de Janeiro, Imago, 1998.

DETERING, Henrich. *Der Antichrist un der Gekreuzigte: Friedrich Nietzsches letzte Texte*. Wallstein: Göttingen, 2010.

JASPERS, Karl. *Nietzsche und das Christentum*. München: Piper, 1985.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1991, 61ª ed.

MELVILLE, Herman. *Moby-Dick or The Whale*. London: Penguin, 1992.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Der Antichrist. In: *Nietzsche Kritische Studienausgabe, VI*, München/Berlin: DTV/De Gruyter, 1999.

---

<sup>21</sup> In Gott das Nichts vergöttlicht, der Wille zum Nichts heiliggesprochen!

<sup>22</sup> In so absurder Gott sein, dass man ihn abschaffen müsste, selbst wenn er existiert.

OTTMANN, Henning. *Nietzsche Handbuch: Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart: J.B.METZLER, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo, Record: 1991, 61ª ed.

*Data de submissão: 01/11/2013*

*Data de aprovação: 20/11/2013*